

CHRONIQUETA

Rio, 6 de Agosto de 1894.

As mulheres da Coréa. — O Lyrico. — Valentim Magalhães. — Os Demonios. — Gregorio de Mattos.

Além das discussões do Congresso Nacional e das noticias da guerra actualmente accesa entre a China e o Japão, estes ultimos dias não deram assumpto que sirva para um terço da minha chroniqueta. Entretanto, com as discussões do Congresso pouco se preocupam as formosas leitoras da *Estação*, e bem pouco se lhes dá que os japonezes e os chinezes andem ás turras.

*

Essa guerra tem por causa a Coréa, um paiz magnifico, onde as mulheres só podem sahir de casa depois de avisadas por um sino de que não ha homens na rua; um paiz onde as viuvas só se casam tres annos depois de mortos os maridos.

Que differença do Brazil! Aqui já se têm dado o caso da viuva arranjar noivo na missa do setimo dia.

*

Já sei que os espectaculos do Lyrico têm continuado a agradar ás leitoras, excepção feita dos rapazes das torrinhãs, que são realmente insuportaveis com as suas vaias e assuadas.

As leitoras deixaram passar sem protesto a Gilda do *Rigoletto*, a rainha dos *Huguenotes* e o aventureiro do *Guarany*; fizeram bem: o *maestro* Mancinelli obrou um verdadeiro prodigio trazendo-nos a companhia que nos trouxe, contractada na Italia durante a guerra civil e com o cambio a nove. Não fosse elle, e a respeito de lyrico ficaríamos todos a ver navios, — occupação de que nos fartaram os Srs. Custodio, Saldanha e consortes.

*

Mais algumas linhas para desejar boa viagem a Valentim Magalhães, que n'este momento é embalado nas ondas em demanda do *boulevard*, e para noticiar a publicação dos *Demonios*, um magnifico volume de contos de Aluizio Azevedo, e *Gregorio de Mattos*, estudo critico de Araripe Junior sobre o famoso poeta satyrico brasileiro, que foi uma das mais curiosas figuras litterarias d'aquelle extraordinario seculo XVII.

ELOY, O HERÓE.

Encanto

Passavas, como rainha,
E eu que andava, como tonto
Parece que me sustinha
No ar, em extase, absorto...

E' ella, dizia eu,
A minha estrella do ceu.

Passavas lançando em torno,
Como a lua em noite amena,
Aquelle olhar doce e morno
Que me dava gosto e pena...

Pena de não ser só meu
Esse reflexo do ceu!

Mas sabes como em nossa alma,
A' luz de uns olhos que attraem,
A tempestade se acalma.
E as nuvens negras se esvae'n!

Como a luz de um olhar teu
E' uma benção do ceu!

De tal maneira me encanta,
Que até andei, por exemplo,
Comtigo a Semana Santa,
Sem saber, de templo em templo,

Depois é que me occorreu
Que esse olhar era do ceu.

Neste traje, austero e grave,
Toda de preto, era um gosto
Ver não sei que luz suave
A banhar-te as mãos e o rosto...

Era a luz, suppnho eu
Que banha os anjos do ceu.

Se um dia, estrella dos Magos,
Me abandonares na vida,
Deixa-me uns reflexos vagos
Como de estrella cahida...

Ao menos verei no ceu
Rastro da estrella que ardeu.

J. D.



A's mães de familia

A recente descoberta da *Nectandra Amara*, producto da flôra Paulista, estudada e confeccionada em *Vinho*, *Elixir*, *Tintura* e *Pilulas* pelo pharmaceutico chimico ANTERO LEIVAS, merece o titulo de companheiro indispensavel das mães de familia; pois, pelos effeitos promptos e efficazes que este maravilhoso medicamento exerce sobre as molestias do estomago e desarranjos intestinaes, nenhuma mãe de familia, dona de casa, directora de collegio, deve estar em casa sem ao menos um vidro da *Tintura* ou uma caixa com *Pilulas* da *Nectandra Amara*, remedio paulista de ANTERO LEIVAS, para acudir em ás pessoas de sua casa acommettidas repentinamente de *colicas violentas*, *colerinas*, *camaras de sangue*, *indigestões*, *nauseas*, *diarrheas*, *dyspepsias* e outras molestias do estomago e desarranjo do ventre, tão frequentes entre as familias e que geralmente se manifestam á noite. Cada vidro traz um prospecto, que indica minuciosamente a maneira de uzal-o e a dieta á seguir relativo á idade do enfermo.

O *Vinho*, tomado um pequeno calix ao levantar-se e antes do almoço e do jantar, é um reconstituinte extraordinario para dar cor e robustez ás moças e crianças pallidas e anemicas, e aos convalescentes debilitados por molestias graves e longas.

O *Elixir*, tomado como indica no prospecto, tem já salvo muitas crianças desenganadas com *diarrhea* de denção e muitas moças victimas da terrivel *leucorrhœa*.

As *Pilulas* formulou-se com a mesma dosagem da *Nectandra Amara* para produzirem os mesmos effeitos do *Vinho*, do *Elixir* e da *Tintura*, que não podem ser remetidos pelo correio, por serem em liquidos.

Como *fortificante*, para combater *anemias*, *fraqueza de pernas*, *debilidade* de convalescentes de molestias graves e longas, deve-se moer 3 pilulas e dissolver-as em um pequeno calix de vinho branco superior de Lisboa ou do Porto para tomar-se ao levantar-se, antes do almoço e antes do jantar, a mesma dose; para crianças a metade. Póde-se dar da mesma maneira, dissolvidas em agua, para as pessoas ou crianças, que não engulam facilmente as pilulas secas, para combater todas as enfermidades do *Estomago* e dos *Intestinos*.

N. B.— Obtêm-se estas pilulas, pelo correio com toda presteza possivel, remetendo-se 2\$300 para uma caixa; 12\$600 para 6 e 20\$800 para 12 caixas, com direcção á Joaquim Bueno de Miranda, rua de S. Pedro n. 72, 1º andar—Rio de Janeiro. Assim estão estas salutares *Pilulas* ao alcance de todos, tanto dos arrabaldes desta capital, como dos mais remotos lugares do Brazil e do Estrangeiro.

Os attestados e cartas seguintes mostram a efficacia deste prodigioso remedio paulista, e a facilidade de obtel-o em qualquer parte onde sejam precisos seus salutares effeitos.

Eu abaixo assignado declaro que, soffrendo ha tempos de uma dysenteria e sendo aconselhado por um amigo para fazer uso das pilulas de *Nectandra Amara*, assim o fiz, não me sendo preciso mais que uma caixa para ficar completamente restabelecido. Rua do Hospicio n. 241 — Rio de Janeiro, 22 de Abril de 1894.— J. de Paço.

Estado de Minas — S. João Baptista da Terra Branca, 15 de Maio de 1891 — Illm. Sr. Joaquim Bueno de Miranda — Tendo eu tirado bom resultado com o uso das pilulas de *Nectandra Amara* do Sr. Antero Leivas, somente com uma caixinha que V. S. me mandou pelo correio, remetto-lhe agora a importancia de 4\$600 para V. S. mandar-me mais duas caixas de tão precioso medicamento na cura das *dyspepsias*. Com estima e apreço sou de V. S. amigo obrigado e crente. — Antonio Theophilo dos Reis.

O abaixo assignado attesta que, soffrendo uma sua filha de incommodo pertinaz de intestinos, debalde sujeitou-se ás receitas de habéis medicos, restabelecendo-se ahiñal com o uso das pilulas de *Nectandra Amara* — Rio, 18 de Setembro de 1890 — Bacharel Antonio A. C. Barradas.

Vendem-se os preparados de *Nectandra Amara* remedio Paulista em todas as Pharmacias e Drogarias.

Deposito do fabricante, á rua de S. Pedro n. 72, 1º andar. Rio de Janeiro.

For ever!...

— Para sempre! — murmuras, e resumes
Tudo o que o coração mais puro exhala!
A ti minh'alma « Para sempre! » falla
Unida á tua, em pranto e entre queixumes!

Nas phosphorencias dos ethereos lumes,
Pelo infinito pallio côr de opala,
Adejará tua alma que se embala
Nos élytros dos célios vagalumes.

O' minha amada! meu amôr eterno!
Pelos lufadas rispidas do Hivero,
Quando os clarins sonoros das harpias

Annunciarem as trêdas tempestades,
Em cõro gernerão nossas saudades,
Como phantasmas, pelas serranias!

CINCINATO GUTERRE

Sr. João

Mais de sessenta lhe davam os vizinhos.

Porém elle era modesto em tudo e affirmava a quantos o ouviam que não tinha mais de cincoenta e dous annos.

N'esta idade se havia plantado o Sr. João e luctava contra tudo e contra todos.

Verdade era que apesar de haver feito os sessenta, como pretendiam alguns suppostos contemporaneos de João, estava bem conservado e supportava admiravelmente o peso dos annos.

Conservava boa parte de sua vista de aguia, e a respeito de força não tinha que se lamentar.

De agilidade alguma coisa lhe ficara de sua mocidade.

Ninguém sabia o padre João d'onde procedia.

Era um segredo dos muitos que conservava.

— Alguma travessura; diziam aquelles que pretendiam conhecê-lo a fundo.

Devia ter sido o que as mulheres chamam um bom moço.

Com aquelles olhos negros, eram admissiveis as conjecturas!

Alto, athletico, bom cavalheiro, generoso com dinheiro proprio e com dinheiro alheio, por força deveria ter sido bem acceto entre as moças e mesmo entre os moços de seu tempo.

As lembranças de outr'ora molestavam alguma coisa o Sr. João.

Porém resignava-se, reconhecendo que já havia passado o seu tempo de esplendor, de actividade, pelo menos.

Era um veterano.

O seu todo tinha a configuração de um militar curtido pelo sol e pelo vento, acariciado cem vezes pelo sopro da polvora.

— Já servio no exercito? perguntavam-lhe alguns amigos.

E elle respondia:

— Não servi, mas passei minha vida em campanha, póde-se assim dizer: fui caçador e vivia nos montes, mais do que nos povoados.

O Sr João havia occupado no povoado a pousada de Abajo, assim denominada para distingui-la da do povo, chamada a pousada de Arriba.

A de Abajo era muito superior, tanto por sua situação á margem da estrada geral e a vinte passos da estação da ferro-carril, como pela planicie immensa que havia feito inveja ao engenheiro que traçara a via-ferrea com uma tangente horizontal soberba e com escasso movimento de terra. A situação da pousada de Abajo era excellente.

E alli constituir-se o cassino dos desoccupados; alli bebiam e passavam o dia e parte da noite.

O Sr. João era um dos vizinhos mais respeitaveis, e não sei se o mais respeitavel do povoado.

— Tem feito muitos favores n'este mundo! — exclamava um.

E como demonstração relatava um ou dous exemplos.

— Foi um valente!

— Um pae para os pobres — rectificava outro.

Sommando as opiniões de todos os vizinhos d'aquella comarca, resultava ser o Sr. João um santo sem exercicio, o pae dos pobres, segundo o denominavam.

Era senhor da comarca.

O Sr. João occultava com modestia seus feitos e façanhas.

Chegaram-lhe porém ao vivo.

Uns caçadores que viajavam como fidalgos, com commodidade e luxo, chegaram a pouxada de Abajo.

La estava o Sr. João.

Um dos caçadores conhecia-o de nome e suas occupações anteriores.

A conversação generalisou-se entre amigos pois iam juntos, almoçavam como principes,

Animava-se a palestra e um dos meus amigos disse ao Sr. João:

— O senhor deve conhecer n'esta terra os ladrões que tanto deram que fallar e que escrever a Dumas?

— E esse Sr. Dumas tambem eu conheci: era um francez que parecia ter na cabeça uma escova de limpar canhões.

E continuou:

— Vou fazer a vontade aos senhores.

— Póde ser que não; rectificou um dos meus amigos que usa um dos mais bellos nomes de Castilla.

— Daria eu uns quantos duros... digo mal, uns quantos mil duros para saber a quem devo a vida.

O Sr. João fixou o olhar em A... e sorriu com certa satisfação.

— Como é isso? — perguntou depois.

— Sim; parece-me que sendo eu um pequerrucho fui sequestrado por Juan Caballero e sua gente.

— Aquelles bandidos!...

— Eh! interrompeu João.

— Ladrões e assassinos.

— Vamos! Deixal-os! Aos mortos não convem revolver os ossos.

— Foram elles que me sequestraram, assustando minha pobre mãe e que me deram vida de cão. Houve porém entre elles um homem que instruido e subornado por meu pae, salvou-me de uma morte certa, apoderando-se de mim, não sei como. Verdade é que foram bem pagos, segundo julgo.

— Não ha nada disso; nem Caballero foi quem sequestrou o senhor, nem remuneraram seu libertador, nem... Não, continuou elle resolutamente. — N'essa classe, como em todas, entre os mais soberbos, encontrará o senhor sempre alguém de coração. O senhor cahio em poder d'aquelles miseraveis. Sua sorte não teria sido muito boa, porque o senhor conde de... negava-se a resgatar seu filho... Ha gente para tudo.

— Que diz?

— Digo que Caballero que a respeito soube o que se passava, devia alguns favores ao conde e muitos aos filhos d'este que o divertiam com os seus gritos e brincadeiras, valeu-se de um estratagem para que lhe deixassem o pequeno.

Chegou um cura uma noite, e ao cura por meio de um signal, foi entregue o pequeno sob a garantia de Caballero.

O cura deixou o pequeno nos braços de sua mãe.

— Ah! E então?

— Então o senhor era o pequeno e eu o Padre João... Caballero.

EDUARDO DE PALACIO.

A' sombra

Junto ao frondente bosque, diva de minh'alma, busquemos a refrigerante sombra, acariciados pela harmonia do nosso amor!

Na placidez suave d'esse umbrastico retiro, pensemos no delicioso porvir que nos acena de perto.

Os insectos que encontram confortavel berço nas flores e a alegre passarada entoarão hymnos em nosso louvor.

Ante as sombras rendilhadas das arvores, esqueçamos os passados tormentos, embebidos no vago sonhar que constitue a nossa alegria.

A felicidade foge do bulicio, edifica seu resplandecente sólio na solidão, onde podemos verdadeiramente apreciar-a.

Agitados pelo sentimento divino que irmana a humanidade—o amor—sem o qual a vida seria um chaos, nossos corações alli podem pulsar livremente.

O ruido poetico d'essas ramagens florentes tem tanta poesia como os arrulhos de nossas almas; os raios do sol n'ellas se infiltrando dão-lhes um brilho tão agradável como o dulçor que sentimos.

Goze-mos a solidão!

Extasiemo-nos ante esta obra magnifica da natureza, tão pouco respeitada pelo progresso—vandalos que destróe as bellezas da criação.

Talvez breve seja derribada impiedosamente para agitar-se n'esse logar soçegado a tremenda e asquerosa lucta das paixões humanas.

Terrível contraste!

Os grossos troncos, incolumes ao mais rijo tufão, protegidos uns pelos outros, attestam a antiguidade d'essa floresta.

Alli os indigenas livremente viviam, incançaveis, para a subsistencia, dando caça ás suas rivaes—as feras, occultos pela folhagem, á sombra das grutas, ou, arrojadamente, affrontando-as peito a peito.

De quantos idyllios não foram essas arvores testemunhas!

E' grato procurar advinhar o passado...

Tua existencia bucolica foi sempre guiada pela liberdade, preferindo essas insontes distracções ao viver da metropole.

E, se tanto aprecias os selvaticos rumores, diva de minh'alma, busquemos a refrigerante sombra do frondente bosque, acariciados pela harmonia do nosso amor!

JULIO CAMISÃO.

Na ausencia

Como se tu aqui viesses perto,
Ou por effeito de gazil miragem,
Tudo n'este recondito deserto
Me vem falar de tua doce imagem.

Teu nome os bandos gárrulos das aves
Cantando vão por estes bosques fóra;
E fazem d'elle os canticos suaves
Com que saúdam o despontar da aurora.

N'este estendal de purpurinas rosas
Em cada flor o teu retrato vejo.
Lembram teu labio as pe alas mimosas
Frescas, macias, provocando um beijo.

D'este riacho murmuro e indolente
— Como a virtude limpido e impoluto —
Me vem o som de tua voz dolente,
De tua voz que attentamente escuto.

D'isso, no entanto nada me compensa
Da tua ausencia que prolongas tanto;
Essa ausencia cruel que é dor intensa,
D'essas que ás vezes se converte em pranto!

E' que aos doces prazeres que fruimos
Vem uma grande dor sempre juntar-se;
Assim as maguas muita vez sentimos
E alegres parecemos... por disfarce!

Longe de mim, feliz e descuidosa,
Irás talvez na escuridão do olvido
Sepultar este amor—visão radiosa,
Que se tornou meu ideal querido!

Sinto agora um fatal presentimento
Tomar-me todo, qual subtil veneno;
Eu vejo que me invade o desalento
Nesta duvida horrivel em que peno.

Ser-se esquecido da mulher que se ama!
Oh! dor immensa! grande dor sagrada!
Antes a morte horrivel que nos chama
Para essa eterna solidão do nada!

Oh! Mas perdoa ao louco desgraçado,
Que se blasphema é por amor sómente.
Dá-lhe a luz do perdão, anjo odorado,
N'um teu sorrir, n'um teu olhar elemente.

Tu não mais ouvirás, quando voltares,
O teu nome nos canticos das aves,
Porque hei de eu só nos teus floridos lares
D'elle fazer umas canções suaves!

Então verás os ternos passarinhos
Fitar-nos cheios d'um assombro fundo,
Ao verem tantos juvenis carinhos
De que te cerca o meu amor profundo!

FRANCISCO SILVA.

THEATROS

Rio de Agosto de 1894.

A companhia Mancinelli, que dá amanhã a sua 10ª recita de assignatura, com o *Lohengrin*, de Wagner, acaba de anunciar uma nova série de dez representações, com outras tantas operas, incluindo n'estas *Moema*, de um compositor brasileiro que se estreia,— Delgado de Carvalho.

Depois da nossa ultima chronica tem se cantado o *Mephistofeles*, de Boito, os *Huguenotes*, de Meyerbeer, o *Hernani*, de Verdi, e o *Guarany*, do nosso Carlos Gomes, que foi ouvido e applaudido com a satisfação de costume.

A companhia tem continuado a agradar. Mancinelli, que era conhecido e respeitado como regente de orchestra, tem agora a sua reputação feita como empresario.

*

No Sant'Anna tivemos uma *reprise* sem interesse, a do *Sino do eremiterio*, do fallecido maestro portuguez Alvarenga, e uma interessante *reprise*, a do *Noviço*, famosa comedia de Martins Penna, que ha muitos annos não era representada.

Se bem que o desempenho dos papeis não correspondesse precisamente á excellencia da peça, a representação do *Noviço* causou-nos grande prazer. Lamentamos que essa comedia, como as outras d'aquelle auctor, que é sem duvida a gloria mais legima da litteratura dramatica brasileira, não figure constantemente nos cartazes dos nossos theatros.

*

No mesmo theatro representou-se hontem, com muitos applausos, n'uma *matinée* em beneficio de Furtado Coelho, um entreacto original de Arthur Azevedo, intitulado *Entre o vermuth e a soppa*.

*

No Variedades tivemos uma opereta nova, *Totô*, de dous auctores parizienses que ninguem conhece mas têm muito espirito, Bailhaud e Carré, musica de um compositor igualmente desconhecido, Bannès, e traducção de Eduardo Garrido e Arthur Azevedo.

A peça é engraçada e a musica lindissima. Pena é que, com excepção da actriz Lopiccio e do actor Machado, deixe tanto a desejar o desempenho dos respectivos papeis. A actriz Lopiccio representa o duplo papel de Totô, um collegial endiabrado, e Tatá, uma rapariga ingenua, estabelecendo um admiravel destaque entre um e outro personagem, a ponto de causar uma illusão engenhosa.

*

O Recreio deu-nos um dramalhão em um prologo, cinco actos e sete quadros, o *Patriota*, de Armand d'Artois e Maurice Gerard, traducção de Azeredo Coutinho.

A peça, que é franceza, mas passa-se nos Estados Unidos, na época da independencia, tem situações interessantes e está posta em scena com certo capricho.

*

A companhia de zarzuelas do Lucinda tem agradado bastante. Ha muita variedade nos seus espectaculos, e entre as peças até agora representadas algumas são novas para a nossa plateia, como *El diablo rojo* e *El duo de l'Africana*.

*

No Apollo ensaia-se a *Voyó*, revista fluminense de Moreira Sampaio e Vicente Reis, os felizes auctores do *Abacaxi*.

*

Annuncia-se que uma companhia dramatica italiana — a companhia Modena — desagravará o velho theatro de S. Pedro do insulto que lhe fizeram alguns saltimbancos, transformando-o em circo de cavalinhos.

X.Y. Z.

A galveta de Antonio Moniz

(Conclusão)

— Sr. D. Alvaro, — disse um moço de bella physionomia, de brilhantes olhos pretos, destacando-se de um grupo de officiaes portuguezes que assistira mudamente a conversação que findára — porque ha-veis de arriscar em tão temeraria tentativa toda esta bella armada? Não poderá um de nós ir espreitar a fortaleza, saber noticias certas do que alli se passa?

— Quem teria essa audacia? Não seria um crime dar semelhante ordem, quando o mar está assim tempestuoso, quando qualquer navio mal se pode governar com a tormenta; e cahiria quasi infallivelmente nas mãos do inimigo?

— Senhor, passa despercebido um navio pelos sitios por onde não passaria uma esquadra, e as tormentas d'estes mares nunca fizeram recuar, Deus louvado, os marinheiros portuguezes! Só para levar a Lisboa a noticia de estar fundada a fortaleza de Dio, arriscou-se a perigos bem mais terríveis, em bem fragil navio, o heroico Diogo Botelho. Que muito é que a alguns perigos se arrisque um portuguez para se saber se ainda ha esperanças de salvar essa mesma fortaleza que está em risco de se perder?

— E quem teria essa audacia, Antonio Moniz? — perguntou D. Alvaro de Castro, cujos olhos lampejavam.

— Eu, senhor.

— Vós! — exclamou D. Alvaro. — Não! não! vosso pae está em Gôa velho e doente. Que me diria elle se soubesse que a tão certa morte eu enviara seu filho!

— Dir-vos-hia, senhor, que não é muito que o filho de um simples cavalheiro arrisque a sua vida, quando em maiores perigos está desde muito um dos filhos do vice-rei da India, quando o outro está prompto a ir elle proprio affrontai-os.

— Ah! meu valente rapaz — exclamou D. Alvaro abraçando-o. — Como ha de cair o nosso poder na India, enquanto aqui estiverem portuguezes a vossa tempera? E que dizeis vós, senhores? — tornou, voltando-se para o grupo — Aceito a offerta?

— Sem duvida! responderam todos — e viva Antonio Moniz!

— Deus o proteja! tornou D. Alvaro, descobrindo-se. Ides no vosso navio?

— Sim, senhor. A minha galveta é fina e ligeira. Poucos remeiros a tripulam. Posso levar dez homens com espingardas; morrões e polvora.

— Vêde bem que tendes de passar subtilmente por junto do inimigo.

— Por isso, tencio levar apenas um dos morrões accêso para me não achar desarmado, se tiver de vender cara a vida.

— Deus tal não permitta! e mantimentos?

— Com o mar que está não levo menos de dous ou tres dias a chegar á fortaleza. Lume não o posso accender. Além de biscouto e de queijo e dos côcos e

de jagra, sem a qual os remeiros não passam parece-me bem levar tambem arroz pisado e linguças assadas. Assim teremos que comer no caminho, e ainda levaremos alguns refrescos aos nos-os pobres patricios.

— Agouro bem da vossa tentativa, — disse um fidalgo de forte e severo aspecto, approximando-se dos dous que conversavam — porque tendes, a par da ousa tia, prudencia e bom conselho. Não é esse o costume dos rapazes de agora.

— Sois severo com os novos, Sr. D. Francisco de Menezes, — disse sorrindo D. Alvaro — mas tanta justiça fazeis ao meu bravo Antonio Moniz, que acceto a censura, só para que mais realce o elogio.

— Ha largas excepções, felizmente — disse D. Francisco. Mas, o tempo urge, senhor, e bom seria que Antonio Moniz partisse. Talvez o tempo para a tarde levante.

Não se justificou a previsão. O tempo cerrara cada vez mais. O horizonte ennegrecia. Comtudo em vez de dez espingardeiros de boa vontade, foram cem os que appareceram e teve D. Alvaro de fazer a escolha. Os remeiros, que eram indios, bradavam que não queriam ir tentar a Deus, mas Antonio Moniz com a espada nua n'uma das mãos, e uma bolsa cheia de pardaus na outra, fez-lhe comprehender que tinham tudo a lucrar embarcando de boa vontade.

Apinhavam-se os portuguezes na praia quando Antonio Moniz, descobrindo-se respeitosamente, se curvou diante de D. Alvaro de Castro a pedir-lhe as suas ordens. Atraz d'elle os dez espingardeiros esperavam encostados ás suas pesadissimas armas.

VINHO DE CHASSAING
BI-DIGESTIVO
Receitado ha 30 annos
CONTRA AS AFECÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS
Paris, Avenue Victoria n.º 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES" é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando começam a ser desmammadas e no período de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos.
PARIZ, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISÃO DE VENTRE
é curada com o verdadeiro
Pó Laxativo de Vichy
do D. SOULIGOUX
Laxante certo, agradável ao paladar, fácil de se tomar
O vidro de cerca de 25 doses 1/2 fr. 5/11
PARIZ, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS.

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA de duque, de principe, por meio da **Pâte des Prélats**, que embranquece, alisa, assetina a epiderme, impede e destrõe as frieiras e as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas côres lisas por meio do **Anti-Bolbos**, producto sem igual e muito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES
Para ser bella e encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructos exóticos.

POUCOS CABELLOS
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se **l'Extrait Capillaire des Bénédictins du Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS
os dentes estragados, sanêe-os e branqueie-os com **l'Elixir dentifrice des Bénédictins du Mont-Majella**.
E. SENET, Administrateur, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NINON DE LENGLOS

escarnecia da ruga, que jamais ousou macular-lhe a epiderme. Já passava dos 80 annos e conservava-se joven e bella, atirando sempre os pedaços da sua certidão de baptismo que rasgava a cara do Tempo, cuja foice embotava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. « Muito verde ainda! » via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segredo, que a celebre e egoista faceira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella epoca, descobrio-o o Dr. Leconte entre as folhas de um volume de **L'Histoire amoureuse des gaules**, de Bussy-Rabutin, que fez parte da bibliotheca de Voltaire e é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON**, MAISON LECONTE, Rue du 4-Septembre, 31 à PARIS.

Esta casa tem-no á disposição das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

DUVEI DE NINON
pó de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon
especial para o rosto que limpa perfeitamente a epiderme mais delicada sem alteral-a.

LAUT DE NINON
que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDEE CABELLOS
que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIERE
que augmenta, engrossa e brune as pestanas e os supercilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar;
LA PATE ET LA POUDEE MANODERMALE DE NINON
lara finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o rotulo para evitar as imitações e falsificações

Em Casa de todos os Perfumistas e Cabelleireiros de França e do estrangeiro

VELOUTINE

PÓ DE FLOR DE ARROZ especial

PREPARADO COM BISMUTHO POR

CH. FAY
Perfumista
9, Rue de la Paix, 9
PARIS

XAROPE DE FLON

O mais antigo e mais excellente Xarope lenitivo peitoral.

Soberano contra

DEFLUXOS BRONCHITES INFLUENZA CATARRHOS

Acalma e detem com rapidez a **TOSSE** e qualquer Irritação da Garganta.

Acha-se em todas as Pharmacias.

Espartilhos DA CASA DE VERTUS Sœurs

PARIZ

A afamada casa DE VERTUS Sœurs acaba de aperfeiçoar a forma dos espartilhos de sua fabrica, tão apreciados das senhoras elegantes.

O brim fabricado exclusivamente para este estabelecimento não só é mais flexivel e mais solido, como tambem é feito de tecido muitissimo fino como ainda não se tinha fabricado até agora.

Os ornamentos são muito mais ricos.

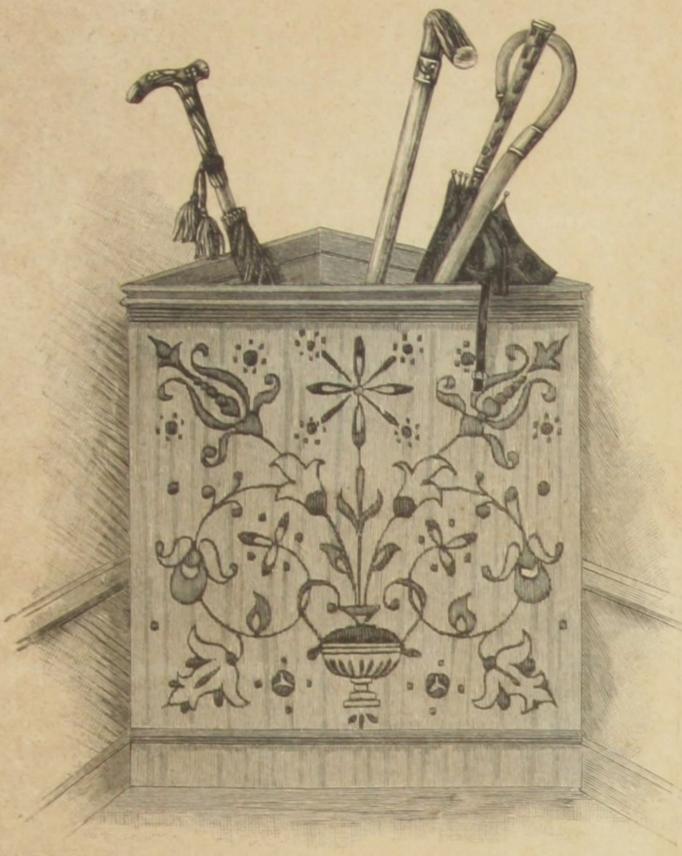
O ultimo modelo d'esses espartilhos tem do lado de dentro a data de 1894. Para evitar as contrafacções, todos esses espartilhos têm uma medalha de metal branco igual ao modelo abaixo.



MARCA REGISTRADA

D. Alvaro quiz fallar, mas tinha um nó na garganta. Apertou fortemente a mão de Antonio Moniz. Foi D. Francisco de Menezes que disse gravemente, adiantando-se:

— O mar está rijo, e parece querer tragar a galveta, mas, mais forte que o mar e mais poderosa que o inferno é a Virgem Purissima, Senhora Nossa, Mãe de Deus e Mãe dos homens. Tu vaes combater as ondas, Antonio Moniz, pelo teu Deus, pelo teu rei e pe-



CANTONEIRA PARA BENGALAS

— Ies teus irmãos. Se, apesar disso, Nosso Senhor te chamar a si, é porque te quer no céu, e bemaventurado tu serás e os que contigo morrerem. Seremos nós os peccadores que não mereceremos a gloria de irmos salvar os nossos irmãos e a fortaleza de el-rei. Para nós e não para ti, deveremos implorar a misericordia da Virgem, Senhora da Assumpção! — continuou elle cahindo de joelhos — conduzi com o vosso sopro bemdito esta galveta, que vae levar aos nossos irmãos em Diu a consolação, e o conforto!

Todos cahiram de joelhos, d'aquella pinha de guerreiros, entre os rugidos do vento que sibillava nos rochedos, sahio como doce murmúrio a oração angelical:

— Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bemdito sois vós entre as mulheres, bemdito é o fructo do vosso ventre, Jesus!

— Senhora da Assumpção! — tornou D. Francisco de Menezes — aplacai as ondas rugidoras para que este moço, mensageiro de libertação, vá dizer a esses fieis, que pelo Christo Crucificado pelejam e morrem, que os não abandone Deus nas suas angustias e provações.

— Santa Maria Mãe de Deus, — tornou a resar, n'um submisso murmúrio — rogai por nós peccadores, agora e na hora da nossa morte! Amen, Jesus.

Antonio Moniz levantou-se como que reanimado e forte. De um pulo estava na galveta, e d'ahi a instantes estavam ao seu lado os dez espingardeiros. Ao seu gesto imperioso, osromeiros curvaram-se e deram o primeiro sacão. A galveta saltou sobre uma onda, e como que desapareceu depois no abysmo que ella cavara, mas, quando voltou acima, Antonio Moniz, de pé, na pópa ouviu um immenso clamor de saudação, e via agitarem-se na praia os gorros dos fidalgos e os capacetes da soldadesca. Depois tudo desapareceu. A noite cahiu com uma rapidez extraordinaria. O horizonte, por toda a parte cerrado, não mostrava senão trevas em que alvejava a crista espumosa das vagas. Ao longe, porém, para o lado da ilha das Vaccas, uma luz estranha rompeu a escuridão densissima. Desenhava-se nos ares uma cruz luminosa.

Fôra D. Francisco que se lembrára de cruzar dois madeiros e de illumina-los no cimo de uma colina. Mas ao vel-a, Antonio Moniz ajoelhou, e bradou com fervor:

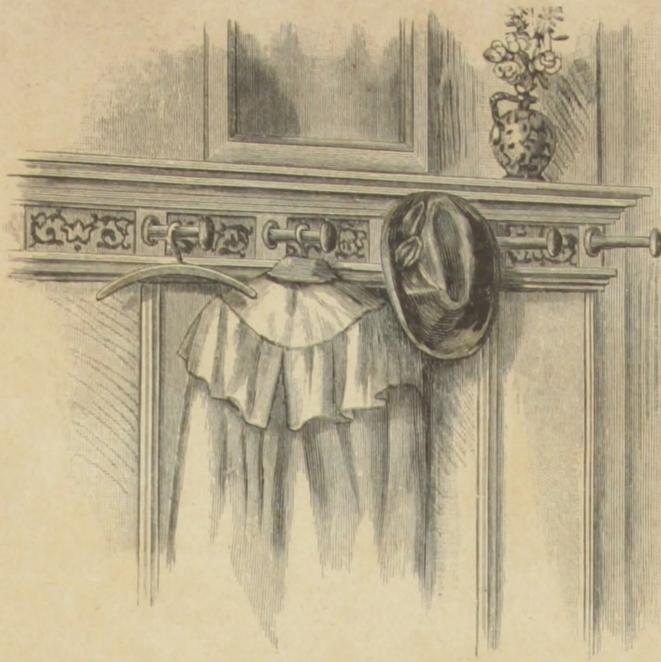
— Bemdito sejaes vós, ó doce Jesus, que assim me envias a esperança.

PINHEIRO CHAGAS.

Recordações

— Um velho quem fala no deserto, para que a Natureza o escute e ninguém mais o ouça:

— Todo o principio é bom, é mocidade, é força, é esperança.



CABIDE

Quanto é bonita a aurora! O ceu tem ouros, ouros como não ha; a terra tem perolas instantaneas; os passarinhos cantam, os echos conversam; ha symphonias ainda melhores que as de Raymunde Corrêa!...

Depois os ouros somem-se; as perolas fogem, os passarinhos emmudecem, os echos escondem-se nas grutas, vestem-se de fantasmas, e repetem o que ouviram...

Quanto é meigo e alegre o encontro de dois amantes! Elle é um genio, ella é um anjo! Se não se amassem morreriam; separados morrerão ainda...

O amor é o principio, o amor ideal, cheio de sonhos, de desejos, de astros habitados; o amor que tem pejo, que tem rogos e promessas, que tem futuro e poemas, que dá beijos e flores. Mais tarde, quando não venha a traição, quando não venha o ciúme, quando não venha a morte, virão por certo «os filhos do nosso amor». Dores sobre dores: dores proprias, dores alheias... Ah! quanto custa um riso de pae: quantas lagrimas!.. Quanto custa uma dor por filho: quantas mortes!...

Até a propria riqueza só é boa no principio, antes da avareza e da ambição; quando somente se pensa em comprar um céu, uma mulher, uma vida feliz. E um céu não se vende, e uma mulher vale um céu, e uma vida feliz desfructa-se unicamente quando a mulher nos dá uma felicidade celeste.

— Então já reconheces que existe uma vida feliz? pergunta a Natureza.

— Feliz no principio: si morreremos teremos penas sem fim de deixar esta mulher, que nos deu toda a ventura, e que repetio-a sempre; si ficarmos sem ella havemos de morrer sem cessar...

E esta idéa sempre existe como a jaça no sol brilhante; a idéa contagiosa de Heraclyto.

Qual é a fortuna que não nos podem roubar?

Ah! quanto eu seria feliz si morresse aos vinte e cinco annos, no apogeo da vida, quando ninguém pensa que se morre, por que batendo no peito sahe Achilles, batendo na frente sahe Minerva!

E' assim que

morre a arvore carregada de flores: atira flores á morte, — atira flores sobre a sua sepultura: não se curvou com os fructos que lhe acabariam seiva e mel.

Mais vale quebrar-se a amphora cheia de

nardo do que depois de esgotada: esta é felicidade unicamente da amphora.

Que importa não chegar ao fim; não dobrar o cabo dos Tormentos: não tremer diante do Gigante negro? O passarinho não pensa, nem sabe que morre no meio d'cantiga.

Si não houver outra vida dormir-se-á com depois de um baile.

Si houver outra vida haverá outro principio, e todo o principio é bom.

E haverá céu? ..

Céu é o principio sem fim: houris e mocidade!...

Ah! a mocidade, o amor... Basta: A mocidade é a flor; o amor é a doçura e o perfume.

Que maior felicidade do que a da flor que vive do mel e do perfume de seu proprio seio?

Como é bom sonhar com este céu: mocidade e amor!?

Passae, auroras; borboletas casadas; passarinhos, que rides; rosas, que amaes: ide, ide, fugi da noite, aproveitaes bem o dia d'mocidade.

Começa-se a morrer quando nasce o primeiro cabello branco: pensa-se, faz-se uma cara feia; e fica o pensamento marcado; ficam as rugas do desgosto... E' a neve d'Hymalaia que ahi vem! principia a caveira a nuvem da morte... Si ainda ha flores, ornatos luzes e festas é como no enterramento dos ricos.

O corpo começa então a curvar-se, o que indica que já se vae morrendo.

A mocidade é leve, aerea, ascende; a velhice é pezada, terrena, sem azas.

O thalamo vda, o ataúde cahe.

A vida começa no alto de um ninho, e acaba no fundo de um abysmo!

O mundo não é o que parece, é o que somos.

Sem amor não ha vida, nem ha mundo, não ha nada...

Porque não me aconteceu como a Alvares de Azevedo, quando cantou, canto do cysne: «Si eu morresse amanhã», e morrer ao romper d'alva?

Que morte gloriosa a de Chatterton! a cabeça reventou no azul, ao sol, qual um morteiro cheio de iris de estrellas, de primaveras, e de Alleluias!

Choram pelo que morre aos vinte e cinco annos no explendor da mocidade!

Choram de inveja ou choram por si porque só elles perderam.

Tambem choram pelo louco que assim acabou de soffrer, e recomeçou a mocidade de Jolas, e esquece e ri...

Ainda mais choram pelo pobre velho que morreu de repente, quando nem todo o dinheiro de Cresos pode comprar uma apoplexia.

Tambem choram por Zeuxis, que morreu de riso como entre os applausos do prazer!

Mocidade, dilirios, eu vos adoro; eu vos saúdo da porta da rua da minha sepultura.

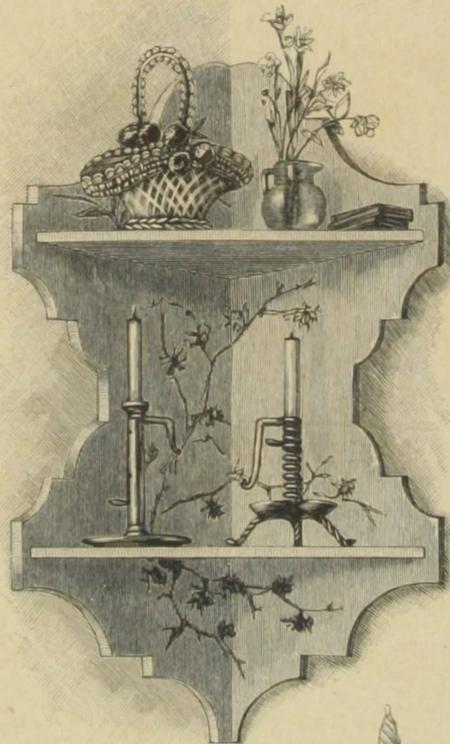
E' noite, adeos!

J. DE MORAES SILVA.

Livro da alma

(FRAGMENTO)

Foi entre o milho, lembrás-te? que eu te disse os meus primeiros versos simples como tu e como tu castissimos.



CANTONEIRA ETAGERE



LUSTRE

Além, n'um largo campo, pastavam os bois da tua herdade, e mais ao longe, no pincaro do monte, mergulhava o sol no espaço.

O sino da velha igreja repicava alegre como as nossas almas de creanças.

Uma mulher passou então por entre nós, recordas-te? E caminhando sempre, murmurou ao passar: — *Louvido seja Nós Sôr Jesus Christo!*

A ti, pareceu então que esta mulher era a Virgem Maria, mãe de todos nós, que vinha abençoar o nosso amor...

E pela aldeia, ao correr a nova do apparecimento, chamaram-te santa.

E não és santa realmente? — *Louvido seja Nós Sôr Jesus Christo.*

— Para sempre seja louvado.

*

Será do céu? pergunto...

E olho o céu então.

Subito, em cada nuvem branca vejo a côr das tuas faces, em cada estrella d'ouro o brilho dos teus olhos...

*

Garoto de rouxinol! A cada passo que dou, ouço a melodia da tua voz tão saudosa, tão triste, como o do-brar d'um sino tangido ao longe. E' que a campezina canção que Ella sabe, rouxinol! garoto de rouxinol! é mais bella do que a tua, mais pura, mais meiga. E' a canção do amor, garoto! é a canção da minha amada, biltre!

*

— *T'arrenego, demonico! T'arrenego!* murmuram as cachopas.

E os seus olhos fulgem, e os seus labios cantam!

— *T'arrenego!* digo tam-bem.

E os meus olhos espelham os teus e os meus labios na rubra concha da tua bocca, cantam, cantam sempre, a vermelha canção dos beijos.

*

Não beijos nunca as papoilas quando corres por entre o trigo que o vento faz curvar a tua passagem, não? Ellas descoram ao contacto dos teus labios mais rubros do que ellas. Que dó tenho eu das papoilas, filha!

Não as beijos, não!

MARIO ALVES.

A dor d'uma alma

— Onde vaes correndo tão vertiginosamente, oh! alma?

— Em busca de quem me comprehenda!

E o seu olhar vago perdia-se por entre as aguas como si fosse o d'um hydro-mantico.

Não sei si se ouviram juntamente soluços como devem ter aquelles que andam sempre em busca do desconhecido.

Passaram-se dias, mezes, não sei si annos.

E uma ou outra vez eu encontrava essa alma, sempre magoada, correndo vertiginosamente, e como que lhe escutava os soluços.

*

— Onde vaes com modos tão angustiosos, oh! alma querida?

— Busco alguém que me esqueceu de ha muito...

— Deves odial-a...

— Amo-a...

E seguiu n'essa marcha tão rapida que nem o pensamento mais veloz conseguiria acompanhar.

*

Uma noite formosa de luar deparou-se-me outra vez.

Os soluços convulsionavam-na, as lagrimas iam de tropel, alquebrava-se toda como se a idade lhe tivesse de ha muito deixado um signal indelevel.

— Que fazes tu aqui?

— Procuo-a!

— Ainda?

— Sempre! Enganou-me, servi-lhe de engodo, amou todos menos a mim. Quanto mais me illudia, mais eu lhe queria. Nunca lhe conheci defeitos, talvez — oh! phantasia! — lhe encontrasse virtudes.

— E se te fosse dado rejuvenescer, se voltasses de novo ao mundo, o que farias, tu que foste sempre enganada, alma?

— Tornava a amal-a...

Noivos

Eram noivos. Desciam pela espadua da collina, de mãos dadas, alegres, rindo... Em suas almas a ventura do amor; fóra, na natu-

reza, a alegria da primavera: montanhas e prados trajados de verde, cajazeiros no valle cobertos de flôres amarellas e os flamboyants da encosta, de capa, tambem verde, traçada, e turbante de umbrellas rubras olhavam a villa, que se estendia lá muito adiante, envolta n'uma poeira dourada.

Cahia a tarde. Rolavam pelo espaço nuvens vermelhas, como flôcos de algodão embebido em sangue.

Havia pelo espaço um rumor confuso... Passavam pombos batendo ruidosamente as azas.

Longe, — o mar coalhado de navios, uma profusão de mastros, velas e bandeiras que se moviam p r entre canos vomitando fumo.

Ao lado, — o cemiterio: jazigos de marmore, cruzes, grades cheias de flôres e cyprestes esguios...

— E se eu morresse hoje?... — disse ella, mostrando-lhe o cemiterio.

Elle tornou-se pezaroso e replicou-lhe: — Porque pensas n'isso, agora que somos noivos?! Olha, se morresses, este amor que te consagro ficaria sepultado no meu coração; mas, não penses na morte, meu amor, agora que na natureza e em nossas almas canta a primavera... Laura! meu amor! amemos-nos...

E beijaram-se.

HORACIO GUTERRES.

1887.



Minha mãe

Eu passo a vida inteira me lembrando
De ti, ó mãe que me querias tanto,
Que procuravas acalmar-me em pranto
Quando me ouvias soluçar, chorando.

A's vezes quando dasce a noite, quando
Se envolve o mundo n'um silencio santo,
Oigo-te, vejo-te por todo o canto
Teu filho amigo a procurar chorando.

E vivo e soffro só por ti! Que o mundo
Diga que és morta... Não creio. Sinto
Do teu materno amor o immenso brilho.

De teu bemdito coração no fundo
Minh'alma triste repousar presinto;
Vives sonhando n'alma de teu filho.

JOÃO CAVALCANTI.

Alagoas.

MOSAICO

Entre namorados:
— *Elle* — Sabes? Trago-te um macaquinho para te divertires.
— *Ella* — Ah! obrigada, meu querido! Agora, quando estiveres ausente, sempre terei quem me faça lembrar de ti.

Sabes? Definitivamente desliguei-me da empresa.
— Sim!
— Hontem, mesmo.
— Porque?
— Porque queria fazer-me passar por tolo.
— E não quizesse?
— Não.
— Já sei continuas a querer passar incognito.

AS NOSSAS GRAVURAS

Utensilios

São inquestionavelmente dignos de attenção os progressos que se tem feito na Allemanha, e iem outros paizes da Europa (relativamente ao tocante a objectos de madeira.

Cada dia mais se desenvolve esta industria e hoje offerecemos aos nossos leitores cinco gravuras representando cinco modelos de objectos d'arte cada qual mais interessante: uma cantoneira para bengalas, um cabide, uma cantoneira-étagere, um lustre e um molde decorativo.

Musica classica

E' uma amadora de musica, amadora apaixonada a que se acha ao piano.

Toda ella está possuida da grandeza e do esplendor do trecho que executa.

Quantas das nossas leitoras não comprehenderão momentos assim, em que a alma se perde nas regiões da arte?

Eis por que ella alli está attenta, toda possuida do que toca, nesse enlevamento pelo bello que só possuem as almas superiores.

CORRESPONDENCIA

77.712 — Belém. — Queixe-se do correio a quem entregamos pontualmente as folhas como é de nosso dever e interesse, e a quem diariamente reclamamos sem que se digno responder-nos, ficando com os jornaes e o porte que pagamos.

Margarida — E' indispensavel quando se nos dirija qualquer communicação relativa a uma assinatura apontar o numero de talão, visto que, pelo nome unicamente a procura será a mesma que a de qualquer em palheiro.

DELETTREZ

EM PARIS
INVENTOR DA NOVA
PERFUMARIA
extra-fina
DE
AMARYLLIS
DU JAPON

Recommandada pelas Celebidades Medicas

Sabonete de AMARYLLIS DU JAPON
Pó de Arroz de AMARYLLIS DU JAPON
Essencia de AMARYLLIS DU JAPON
Agua de Toucador de AMARYLLIS DU JAPON
Vinagre de Toucador de AMARYLLIS DU JAPON
Oleo para os Cabellos de AMARYLLIS DU JAPON
Brilbantina de AMARYLLIS DU JAPON

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

T. JONES

Fabricante
de Perfumaria Inglesa extra-fina

VICTORIA ESSENCIA

O mais delicioso perfume do Mundo.
Grande collecção de extratos extra-finos para lenço.

FLUIDE IATIF

Macia a pelle, embelleza-a e a torna flexivel
Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Allivia toda e qualquer irritação proveniente da mudança de clima e dos banhos de mar. Basta empregal-o uma só vez para curar as rachos das mãos e dos heijos.

LA JUVENILE

Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel
Pó sem mistura alguma chimica, adherente e invistvel para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a mocidade e frescura.

Preparado especialmente para ser empregado com o fluido iatif.

LAIT IATIF, chamado LILY WASH

para embellezar a tez.

Este leite de cór branca, cór de rosa ou cór Rachel foi o alvo de pesquisas muito especiaes. Substitue todos os arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor recelo, no rosto, nos braços e nas espaldas.

CREAM IATIF

Conserva-se em todos os climas, basta experimental-o para que se fique convencido da sua superioridade sobre os outros Cold-Creams.

AGUA DE TOUCADOR JONES

Tonica e refrescante. Excelente contra as picadas de insectos.

ELIXIR E PASTA SAMOHTI

Dentifricio anti-septico e tonico. Branquea os dentes e fortifica as gengivas.

23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS
Depositos em todas as principaes Perfumarias.

U. T. PIVER em PARIS
NOVA PERFUMARIA Extra-fina
IMPORTADOR DA

CORYLOPSIS DO JAPÃO

SABONETE ao CORYLOPSIS do JAPÃO
EXTRACTO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
AGUA DE TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO
OLEO ao CORYLOPSIS do JAPÃO
POMADA ao CORYLOPSIS do JAPÃO

日本香水

Contra a ANEMIA, a FRAQUEZA
o RACHITISMO, as ESCROFULAS
o RHEUMATISMO, a TISICA etc.
SUBSTITUA-SE O OLEO DE FIGADO DE BACALHAO PELO



de EXTRACTO de FIGADO de BACALHAO
Esta deliciosa preparação, eminentemente tonica, e tão agradável ao paladar que as crianças chegam a tomal-a até por gosto. — Uma colher, das de sopa, de VINHO VIVIEN, equivale a duas colheres de sopa de oleo de figado de bacalhao.

A VENDA EM TODAS PHARMACIAS
PARIS: 126, Rue Lafayette, 126

TONICO * FEBRIFUGO * REGENERADOR

VINHO do DOUTOR JOHANNO

COM
QUINA — COCA-EXTRACTO de CARNE
HYPOPHOSPHITOS

Energico reconstituente recommendado nos casos da POBREZA de SANGUE, — CHLOROSIS, — LYMPHATISMO. — FEBRES PERNICIOSAS, e principalmente ás Senhoras nos casos de FLUXO BRANCO, — MENSTRUACÃO IRREGULAR, etc.

A venda em todas Pharmacias, PARIS: r. Lafayette, 126

restabelece as
forças, o appetite,
as digestões; é o
melhor reconstituente
das crianças, dos anciões,
convalescentes e doentes

Medalhas Exposição Universal Paris 1878, Antuerpia 1885, Barcelona 1888, Paris 1889

VINHO DE PEPTONA CATILLON

do ESTOMAGO
LANGUIDEZ, ANEMIA, etc.

Seu grande encontro tem dado origem a muitas imitações.
Exiga-se a PEPTONA CATILLON,
a unica citada no Boletim da Academia de
Medicina de Paris, adoptada
nos Hospitales de Paris
e da Marinha.
Bis. Martin, 3, PARIS, e nas boas Pharmacias.

VINHO DE CATILLON

de GLYCERINA e QUINA

Poderoso tonico reconstituente. Effeitos do oleo de bacalhao e das melhores quinas.
LANGOR, FEBRES, DIABETIS, Molestias do FIGADO, etc.
O mesmo vinho com ferro:

VINHO FERRUGINOSO DE CATILLON
Regenerador por excellencia do sangue pobre
Estes vinhos fazem tolerar o ferro e a quina por todos os estomagos e não occasionam prisão de ventre.

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE 1889.

GLYCERINA CREOSOTADA

DE CATILLON

Prescripta com o melhor exito contras as
MOLESTIAS do PEITO, DEFLUXO
Catarrho, Bronchite, Asthma.
Faz cessar a expectoração e a tosse.
Superior ao Alcatrão de que a Creosote é o principio activo. Substitue o oleo de figado de bacalhau com a vantagem de ser tolerada por todos os estomagos, mesmo durante o grande calor.

Paris, 3, B^{is} Martin e Pharmacias

HOUBIGANT

PERFUMISTA

da RAINHA de INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

— PARIS —

AGUA HOUBIGANT

SEM RIVAL PARA O TOUCADOR

AGUA de TOUCADOR com Heliotropio branco.
AGUA de COLONIA Imperial Russa.

EXTRACTOS PARA O LENÇO: Violetta San Remo, Lilaz branco, Heliotropio branco, Pequ d'Espagne, Moskari, Muguet, Bouquet Imperial russe, Hoa-Rosa, Corydalis, Gloxinia, Edenias, Sophora, Aromia, Violette russe, Trevol, Jasmin d'Espagne, Edelweiss, Lilas de Perse, Mimosa.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violetta San Remo, Fougère royale, Lait de Thridace.

PÓS OPHELIA, Talismão de Belleza.

PÓS PEAU D'ESPAGNE.

LOÇÃO VEGETAL para os Cabellos.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI